

MEMÓRIAS POSTADAS, HISTÓRIAS COMPARTILHADAS: A EDUCAÇÃO RONDONIENSE NAS PÁGINAS DO FACEBOOK¹

Robson Fonseca Simões*

lattes.cnpq.br/2338626886744353

Resumo: Numa tentativa de trazer para o debate as postagens dos estudantes que também transitam na *web*, este estudo traz para a discussão os *posts* que circulam no *Facebook*, mais especificamente na Página da Escola Duque de Caxias, Página do Colégio Carmela Dutra e Página do Colégio Barão de Solimões de Porto Velho, estado de Rondônia, procurando destacar que os registros compartilhados, possíveis fontes para a historiografia da educação, mantêm acesas a memória e as vivências compartilhadas de participação dos usuários junto à vida escolar. Quais as histórias escolares mais lembradas? Conhecer sobre as histórias dessas escolas pode ser um caminho para tentar compreender os sentidos atribuídos à memória das experiências manifestadas através dos relatos dos sujeitos. Os usuários desempenham papéis indicadores de parâmetros culturais que condicionam as ações cotidianas, as representações e lugares. Cabe à tela, a capacidade de conceder um brilho à vida recriada no espaço midiático, no qual produtores e receptores manejam a linguagem, com vistas à produção de sentidos, demandando novas interpretações. Valho-me dos estudiosos Certeau (1982), Chartier (2002), Lèvy (1999) e Sibilia (2008) instigando-me a pensar que essas postagens representam valores culturais, criatividade cotidianas, práticas sociais para a produção e significação das histórias escolares, ampliando, os repertórios de fontes para a História da Educação rondoniense.

Palavras-chave: Memórias digitais; Redes sociais virtuais; Página do *Facebook*; História da Educação rondoniense.

POSTED MEMORIES, SHARED STORIES: RONDONIAN EDUCATION ON THE FACEBOOK PAGES

¹ Esta pesquisa conta com o financiamento e apoio do PNPd/CAPES (Programa Nacional de Pós-doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ).

* Doutor em Educação. Docente da Universidade Federal de Rondônia (Brasil). Contato: fonsim2000@hotmail.com.

Abstract: In an attempt to bring to the debate the postings of students who also travel on the web, this study brings to the discussion the posts circulating on Facebook, more specifically the Page of the Duque de Caxias School, Page of the College Carmela Dutra and Page of the College Barão de Solimões of Porto Velho, state of Rondônia, seeking to emphasize that shared records, possible sources for the historiography of education, keep alive the memory and the shared experiences of users' participation in school life. Which school stories are most remembered? Knowing about the stories of these schools can be a way to try to understand the senses attributed to the memory of the experiences manifested through the subjects' reports. Users play the role of indicators of cultural parameters that condition daily actions, representations and places. It is the capacity to give a brightness to the life recreated in the media space, in which producers and receivers manage the language, with a view to the production of senses, demanding new interpretations. I think the researchers Certeau (1982), Chartier (2002), Lèvy (1999) and Sibilia (2008) help me to that these postings represent cultural values, everyday creations, social practices for the production and signification of school histories, amplifying, the repertoires of sources for the History of the rondonian Education.

Keywords: Digital memories; Virtual social networks; Facebook page; History of rondonian Education.

* * *

EEEFM DUQUE DE CAXIAS
70 anos construindo Educação
*Estamos todos matriculados na escola da vida, onde o
mestre é o tempo.*
Cora Coralina
Porto Velho, RO, setembro de 2017.²

28 de novembro de 1984
Parabéns pelos 32 anos de história em Porto Velho
Educação é prioridade.
Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra³.

² Escrita retirada do *Facebook* em 02/09/2018, na página da Escola Duque de Caxias, de Porto Velho, Rondônia, postada na sua página inicial em 02 de setembro de 2017.

³ Escrita retirada do *Facebook* em 03/09/2018, na página do Colégio Carmela Dutra, de Porto Velho, Rondônia, postada na sua página inicial em 28 de novembro de 2016.

Em solenidade na noite de sexta-feira (18), em Porto Velho, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Barão de Solimões foi homenageada pela passagem do seu nonagésimo aniversário⁴.

O que é possível observar em comum na epígrafe deste estudo? Numa primeira tentativa de aproximação, observam-se três *scraps*, mensagens, depoimentos, *posts*, deixados pelos usuários nas respectivas Páginas do *Facebook* da escola Duque de Caxias, do Colégio Carmela Dutra, do Colégio Barão de Solimões, instigando-me a refletir que, se era possível andar pelo passado, através dos variados acervos educacionais de memória, encontrados nos mais diversos documentos, no esforço em preservar, valorizar, difundir e tentar compreender as histórias dos sujeitos, hoje, quando se navega na *web*, encontram-se também nas páginas da internet, aguardando o olhar ainda pouco atento dos pesquisadores, em um repertório de postagens e arquivos que permitem aproximar o passado através das memórias escolares. A memória é aqui refletida, no mesmo sentido de Jelin (2017), como narrativa híbrida que marca o acadêmico e a subjetividade do sujeito; dessa forma, o passado se determina, também, pelos sentidos no presente, constituídos como objetos de diálogo e disputa.

As postagens sobre os setenta anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Duque de Caxias, uma comemoração inspirada na voz da poetisa Cora Coralina, os trinta e dois anos de história do Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra e a passagem do nonagésimo aniversário da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Barão de Solimões pedem passagem para uma revisita às histórias escolares rondonienses a partir das comemorações dos seus respectivos aniversários que se transmudam nos *posts* como fenômeno cultural e político observável.

⁴ Escrita retirada do *Facebook* em 04/09/2018, na página do Colégio Barão de Solimões, de Porto Velho, Rondônia, postada na sua página inicial em 15 de setembro de 2015.

A História da Educação também entra em cena nesse debate, propondo tornar mais visíveis os caminhos da construção da memória ou das memórias que nos constituem como sujeitos históricos. Nesse sentido, Nora (1993) sugere que a memória é viva, carregada por grupos vivos e por ser viva está sempre em evolução, uma hora prevalecendo as lembranças, em outras o esquecimento.

As preocupações desta discussão miram-se em se poder refletir que as postagens nas páginas da rede social *Facebook* também representam valores, atividades cotidianas e práticas educativas que permitem o conhecimento institucional para além dos documentos institucionais. As redes sociais virtuais são também feitas de produções e sentidos, permitindo-nos elaborar e partilhar os novos significados construídos em trânsito e em processo com os recursos digitais, através da tecnologia da tinta eletrônica (Rodriguez de La Flor e Escandell Montiel, 2014), procurando despertar a atenção dos alunos, estudantes, professores, gestores, com evocações permeadas de nostalgia, afeto, saudades, elogios, com postagens sobre os tempos escolares.

Pesquisadores vêm ampliando os horizontes de pesquisa científica sobre o universo tecnológico, sob vários pontos de vista (BREA, 2007; PRADA, 2012; CAMPOS, 2013; MARTINS, 2018), procurando buscar respostas para algumas questões sobre as interações sociais na *web*, as práticas sociais em tempo de internet. O conjunto das postagens digitais pode oferecer pistas do período passado e permite-nos encontrar descrições variadas sobre a vida cotidiana escolar, as representações de uma época, que podem ser vistos no sentido de Bloch (2001, p.48) quando destaca: “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar-nos sobre ele”. As histórias escolares contadas no *Facebook* ganham sentido na medida em que vão sendo apresentadas, destacadas, com imagens, discursos, relatos dos usuários, acumulando-se umas com as outras, de modo que a significação se constrói no mo-

mento mesmo em que o sujeito compartilha as suas histórias e experiências escolares.

Tive meu interesse despertado para a Página da Escola Duque de Caxias, a Página do Colégio Carmela Dutra e do Barão de Solimões no *Facebook* uma vez que percebi nessa rede social virtual arquivos, documentos, relatos, linguagens, imagens, fotografias, histórias escolares postadas pelos sujeitos reverenciando o passado, lutando para manter a tradição da instituição de ensino, bradando o orgulho de ter pertencido àquelas escolas, narrando em um tom nostálgico que procura contagiar outros usuários com os seus testemunhos dos tempos escolares.

A escolha dessas fontes⁵ como objetos de estudo, justifica-se por se tratar de uma documentação no ambiente virtual que não pode ser mais desconsiderada pelos pesquisadores; as histórias de um passado escolar também são postadas nas redes sociais da *web*, tornando-se, portanto, visíveis, expostas, fazendo parte do “show do eu”, nos estudos de Sibilía (2008). A abordagem qualitativa foi fundamentada em Ludke e André (1986) e a análise dos dados procurou se ancorar nos estudos de Laville e Dionne (1999), ajudando-me a refletir que o valor da análise tem a ver com a coerência das escolhas relativas aos diversos elementos da pesquisa nos territórios das Ciências Humanas.

O tempo das tecnologias digitais revolucionou os olhares a as atenções dos sujeitos na história da escrita/leitura; assim, é possível também entender que novas emoções se tornaram presentes junto à tela do computador, resignificando as funções e as relações do usuário com os textos na Internet, impulsionando-o a postar as suas histórias escolares, pois relatando nessa rede social, possivelmente, o sujeito pode reduzir a sua solidão na interatividade dos cliques virtuais. Assim, se quiser, o navegador poderá se lançar à navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites e

⁵ Os arquivos foram gravados entre os dias 01/09/2018 a 10/09/2018. As postagens dos usuários foram selecionadas e gravadas a partir da visita àquelas páginas virtuais do *Facebook*.

concentrar a sua sensibilidade na próxima jornada virtual. (CHARTIER, 2002)

Quando adentramos à história da criação da rede social do *Facebook*, revisitamos o dia 4 de fevereiro de 2004, data da sua criação; apontado por jovens universitários de Havard, o grupo visava criar um espaço no qual os sujeitos pudessem compartilhar opiniões, fotografias, no esforço de se criar uma rede de comunicação apenas para os estudantes da própria Universidade. Todavia, em poucos meses, a rede expandiu-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições. (ARRINGTON, 2005)

Em 2006, o *Facebook* ficou disponível para quem quisesse se registrar, mantendo apenas a restrição da idade mínima de treze anos. Amante (2014) destaca que ao final de 2011, essa rede social ultrapassou o *Orkut*, até então, a maior rede do social virtual em uso no Brasil; em dezembro de 2012, o *Facebook* ultrapassou 1.060 milhões de utilizadores.

Ao aderir a esta rede, o usuário pode procurar os amigos e construir seu perfil; pode enviar um convite para adicionar outras amizades à sua lista de contatos (FACEBOOK, 2012). Além disso, não é difícil, nesta rede social virtual, se conectar aos outros grupos existentes, outras páginas de comunidades, tais como clubes desportivos, instituições de ensino ou outras entidades. Verificam-se possibilidades de redes de contatos em função dos interesses comuns dos usuários; as postagens podem ser criadas com fotos, clips de vídeo ou música, que são comentados e curtidos pelos amigos.

Mcmillan & Morrisson (2008) sugerem que os usuários do *Facebook* tratam sobre variados assuntos; nesse sentido, as postagens representam valores culturais, criatividade cotidianas, ações e práticas sociais para a produção e significação das histórias escolares, remetendo-nos, portanto, aos estudos da História da Educação, que este artigo delimita pelo espaço geográfico, em Rondônia.

Operação historiográfica à vista: cotejando fontes

Quais as histórias das escolas mais lembradas pelos usuários? No esforço em interpretar e dar visibilidade ao *scrap* encontrado na página da escola Duque de Caxias no *Facebook* e considerando-o fonte para a historiografia da Educação rondoniense, deparei-me com a postagem do ex-aluno A. M., que já passou pela Escola Estadual Duque de Caxias de Porto Velho há mais tempo, como se examina a seguir.

Figura 1 - Adaptação da página da Escola Duque de Caxias de Porto Velho/RO no *Facebook*. Fonte: <<https://www.facebook.com/DuquedeCaxiasRo>>. Acesso em 06/09/2018.



Alexandro Mendes Mendes Eu amo esta escola estudei em 1997

Hoje sou juiz e empresário no Maranhão. Em abril estou indo em Porto Velho com certeza irei na minha escola.

Curtir · Responder · 40 sem

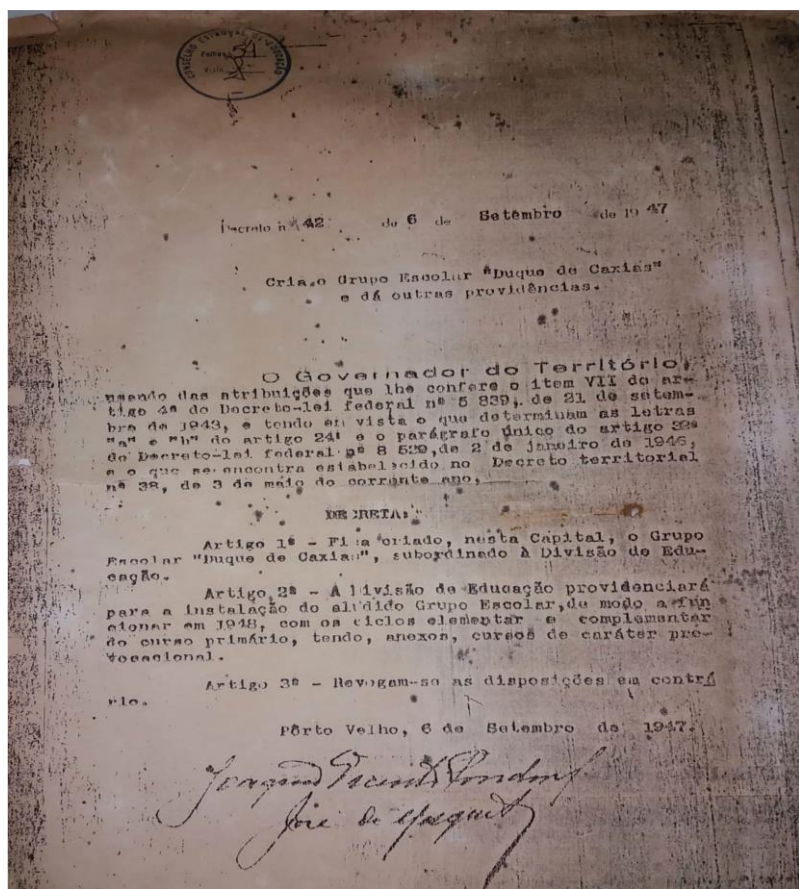
O *post* acima deixa entrever que o usuário A.M., atualmente morador do estado do Maranhão, mantém acesa a chama da saudade da escola em que foi estudante em Porto Velho. Entre outras leituras, é possível refletir que a sua postagem instiga o interlocutor a pensar nos momentos agradáveis pelos quais o ex-aluno⁶ passou na sua história estudantil na escola Duque de Caxias. Mesmo morando em outra cidade, procura, num tom nostálgico, manter viva a sua ligação com a história daquela instituição de ensino rondoniense, afirmando visitá-la em breve.

⁶ Por opção metodológica, procurou-se manter na íntegra o arquivo que foi gravado na operação historiográfica, entendendo-se que se trata de um espaço público no qual quaisquer usuários e/ou navegantes da rede social do *Facebook* têm livre acesso na página pesquisada.

Estas escritas digitais descrevem nas entrelinhas outras histórias que perpassam a vida escolar, e podem servir para outros olhares de investigações. Simões (2018) reflete sobre os horizontes de confiabilidade nas postagens nas redes sociais virtuais; assim, conhecer sobre as histórias dessas escolas pode ser um caminho para tentar compreender os sentidos atribuídos às experiências manifestadas através dos relatos dos ex-alunos, guardadas as singularidades de cada uma das expressões postadas pelos usuários nesta rede social virtual.

Recorri a outros registros e arquivos que pudessem oferecer informações oficiais da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Duque de Caxias de Porto Velho. A visita ao corpo docente, mais especificamente, na sala da direção dessa instituição de ensino,

Figura 2 - Decreto de Fundação da Escola Duque de Caxias em Porto Velho/RO.
Fonte: Acervo da Escola Duque de Caxias.



aproximou-me do arquivo, como se pode examinar abaixo, com o Decreto datado de 6 de setembro de 1947, criando o Grupo Escolar Duque de Caxias.

O documento fundador ilumina o sinal verde para o lançamento da pedra inicial da Escola de Ensino Fundamental e Médio Duque de Caxias, E.E.E.F.M. Duque de Caxias, situada à avenida Farquar nº1969,

bairro da Arigolândia em Porto Velho. Cantanhede (1950) sinaliza que a instituição foi municipalizada pelo Decreto Lei 1.100 de 28/10/1979; hoje a mesma instituição de ensino é mantida pelo governo estadual.

A sua página⁷ virtual também oferece muitas informações sobre o Colégio Duque de Caxias; o seu sítio da *web* está à disposição dos navegadores com as ferramentas oferecidas para os usuários, permitindo o acesso rápido aos arquivos com as estruturas, organogramas, calendários do Ensino Regular, Calendário da EJA, sugestões para Cursos de Inglês e outros *links* que tratam da educação.

As postagens na página do *Facebook* do Colégio Carmela Dutra exibem elementos que revelam vestígios de memórias do seu cotidiano estudantil. O cruzamento das postagens com outras fontes, em outros registros escolares superam possíveis aparências e/ou divergências, pro-

Figura 3 - Adaptação da página do Colégio Carmela Dutra no *Facebook*: jogos do Carmela. Fonte: <<https://www.facebook.com/colégioestadualcarmela-dutrapvh>>. Acesso em 07/09/2018.



⁷ Consultar em < <http://dqcxias12.blogspot.com> >

curando, nesse sentido, abrir caminhos para considerar esses *scrap*s como fontes para a História da Educação rondoniense.

O *scrap* acima apresenta os jogos do Colégio Carmela Dutra; o *post* no canto superior esquerdo anuncia que a competição reuniu cerca de 700 estudantes nas modalidades de *futsal* e voleibol. A postagem também compartilha a fotografia com a brincadeira do cabo de guerra, que possivelmente fazia parte dos jogos dos estudantes. Sobre a imagem, Ciavatta (2002) nos ajuda a pensar que talvez a sua grande sedução esteja na história do que ainda está invisível porque mostrar o invisível é buscar outras visões, outras linguagens e outros discursos. Desse modo, através da imagem, é possível perceber o amplo espaço em que ocorreram os jogos e o número considerável de estudantes envolvidos na competição.

As reflexões de Lima (1993) ressaltam que o primeiro curso Normal foi regularizado através do Decreto 78, de 20 de abril de 1947, na Escola Normal Regional Carmela Dutra, ainda sobre o Território Federal do Guaporé⁸; em 1956, a instituição de ensino seria denominada Escola Normal Carmela Dutra. Por seu turno, o Portal do governo do estado de Rondônia, página⁹ oficial da Secretaria de Estado da Educação, destaca que em 1984, esta escola passa a se chamar Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra.

Um convite à história dessa instituição de ensino rondoniense foi lançado através das postagens da escrita e da imagem na página do Colégio Estadual Carmela Dutra de Porto Velho no *Facebook*, como se observa a figura a seguir.

⁸ Foi criado pelo Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, a partir do desmembramento de parte dos Estados do Amazonas e Mato Grosso. Em 17 de fevereiro de 1956, o Território Federal do Guaporé muda a denominação para Território Federal de Rondônia, pela Lei nº 2731 de 17 de Fevereiro de 1956. Em 4 de janeiro de 1982, Rondônia se transformava em estado.

⁹ Disponível no endereço eletrônico < <http://www.rondonia.ro.gov.br/>>. Acesso em 16/01/2019.

Figura 4 - Adaptação da página do C. E. Carmela Dutra no Facebook: imagem do Carmela. Fonte: <<https://www.facebook.com/colegioestadualcarmela.dutrapvh>>. Acesso em 07/09/2018.



Da escrita postada no canto superior da Página, na qual se salienta a data em que o prédio da escola foi construído, em 1943, até a imagem, vai-se compondo o memorialismo do Colégio Estadual Carmela Dutra de Porto Velho, explicitado também nos uniformes que ali também aparecem, na tentativa de se revisitar a memória da instituição de ensino; nesse sentido, Ciavatta (2002) sugere que a imagem fotográfica atuaria

como ponto de partida da memória, sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo ou a um determinado passado. A quantos usuários atinge tal lembrança?

Quando o assunto são as postagens na Página do Facebook do Colégio Barão de Solimões, observei a muita sensibilidade na elaboração de um registro, no qual a história da instituição de ensino pode ser também conferida a partir da imagem do seu passado, como se examina abaixo.

As práticas culturais dos usuários nas postagens na rede social da *web* abrem espaço também para as memórias de escolarização do Colégio Barão de Solimões em Porto Velho; o conjunto do *post*, que traz à baila o ano de 1944, data em que foi criado um dos primeiros grupos escolares da região, e da fotografia, revelando o pertencimento da instituição de ensino no ainda chamado Território Federal do Guaporé, conferem credibilidade às memórias intrínsecas na fotografia, atribuindo valor de fontes documentais, pois encontram-se informações históricas e culturais pertinentes à investigação o que pode nos remeter aos estudos de Bloch (2001) sobre a historiografia: “Cabe a nós colocarmos mãos à obra, para realizá-la, da maneira mais sublime e adequada possível”. (BLOCH, 2001, p.151)

Alguns estudiosos (LIMA, 1993; CANTANHEDE, 1950; PINTO, 1993; GOMES, 2007) já se debruçaram na História da Educação

Figura 5 – Adaptação da página do Colégio Barão de Solimões no *Facebook*. Fonte: <<https://www.facebook.com/colegiosolimoespvh>>. Acesso em 07/09/2018.



de Porto Velho, aproximando-se, portanto, da historiografia do Colégio Barão de Solimões do estado de Rondônia. Lima (1993) destaca que em 1923, o governo do estado do Amazonas criou o Grupo Escolar Barão de Solimões, cujo nome foi uma homenagem a Manoel Francisco Machado, nascido em Óbidos, estado do Pará, em 30 de novembro de 1841, e falecido em 18 de agosto de 1928, na mesma cidade. De porte elegante e educação polida, seus interesses, além de advocacia e da política, estenderam-se também à Filosofia, às Letras e à Educação. Em seu curto período de governo, Machado dedicou especial atenção à instrução pública, daí o merecido tributo de se ter dado seu nome à primeira escola pública estadual da cidade de Porto Velho, de acordo com informações constantes nos documentos existentes na Escola Barão de Solimões.

Há controvérsias no que diz respeito à data da instalação do Grupo Escolar Barão de Solimões; a data mais aceita pela historiografia é a da criação do Grupo Escolar, através do Ato do Interventor Federal Alfredo Sá, no dia 19 de agosto do ano de 1925, constituída em sede provisória. Os documentos¹⁰ oficiais do Colégio Barão de Solimões ratificam que as aulas tiveram início em setembro daquele mesmo ano, com 64 crianças matriculadas em quatro classes, preliminar, de primário, de segundo e de terceiro anos, já contando, no final de 1925, com 92 aprendizes.

Por sua vez, Cantanhede (1950) nos ajuda entender que a História do Grupo Escolar Barão de Solimões imbrica com a História do Território Federal de Guaporé e de sua capital, Porto Velho, pois estava sempre ligada aos fatos mais relevantes acontecidos naquela região. Um fato curioso nos estudos de Gomes (2007) revela que o escritor Mário de Andrade, quando de sua passagem por Porto Velho, em julho de 1927, visitou o Grupo Escolar Barão de Solimões, não poupando elogios à instituição de ensino, assim como, galanteiramente, inclusive à elegância das professoras.

¹⁰ Trata-se do Acervo da Escola (2005), que está arquivado na direção daquela instituição de ensino.

Se nessa amalgamação das memórias dos usuários encenam-se pontos de vista, concepções e princípios, simultaneamente, em contrapartida, possíveis tensões e conflitos podem aparecer, abrindo, portanto, uma via de interrogação nas Histórias escolares dos sujeitos. O conjunto dessas narrativas, possíveis caminhos virtuais de liberdade, convida a refletir também sobre as outras histórias escolares, como podemos examinar na figura a seguir.

Figura 6 - Adaptação da página do Colégio Carmela Dutra no Facebook. Fonte: <<https://www.facebook.com/colegiosolimoespvh>>. Acesso em 08/09/2018.



Não é difícil perceber o apelo por socorro advindo das vozes dos estudantes ao se depararem com uma possível tragédia de chuva na instituição de ensino; a imagem postada reflete a vulnerabilidade da ocasião, com uma sala de aula alagada, carteiras dos estudantes arrastadas, chão inundado, no ano de 2012. As cadeiras, que fazem parte do conjunto escolar “compõem o mobiliário de um educandário, longe de serem ba-

nais, são plenos de significação e memória para olhos atentos a querer vê-los”. (SANTOS e MIGNOT, 2018, p. 302).

As postagens memorialísticas encenam outras temáticas do cotidiano escolar, que também circulam nessas redes sociais virtuais. Há partilhas de memórias com outras experiências vividas na instituição de ensino, como por exemplo, as participações culturais na instituição de ensino pelos estudantes, o que pode revelar práticas educativas diferenciadas na escola; observa-se na figura a seguir.

Figura 7 - Adaptação da página do Colégio Barão de Solimões no Facebook. Fonte: <<https://www.facebook.com/colgiosolimoespvh>>. Acesso em 08/09/2018.



Os novos talentos no evento artístico intitulado “Arte no Barão” foi um comentário no *post* encontrado também nessa rede social virtual. Estudantes e possivelmente educadores permanecem envolvidos nessa programação diferenciada, despertando, portanto, mais discentes para este festival musical. As imagens desvelam o espaço com a participação de alguns cantores acompanhados de violão e guitarra; possivelmente, estudantes participando do projeto musicalizado, uma ação escolar diferenciada, aproximando-nos dos

estudos de Halbwachs (2006) ao nos ajudar a pensar que o pertencimento pessoal a determinado lugar, que também é formado por diferentes grupos, estabelece as bases para a conservação da cultura e da memória.

Práticas discursivas à deriva na Internet

Parece que os usuários não conseguem conter em postar os seus relatos, talvez, motivados pelo desejo em não se desvincularem dessa rede social virtual, na qual nutrem a satisfação em terem pertencido àquelas instituições de ensino. As reflexões de Halbwachs (2006) refletem sobre a memória individual; ela se constitui com base em pontos de referência: datas, marcos históricos e sujeitos que estruturam simultaneamente a memória coletiva.

O autor demonstra que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação, os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nessa reconstrução denominada memória. Situa-se ainda uma distinção entre a memória histórica, de um lado, supondo uma retomada dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, e a memória coletiva, aquela que compartilhada por muitos e a um só tempo, revisita o passado.

Os repertórios narrativos nas páginas dos Colégios no *Facebook* ilustram o cotidiano escolar. Os seus significados, portanto, são tão mais distintos quanto mais distintas forem as memórias dos sujeitos, como se examina abaixo.

A principal preocupação do *post* encontrado na página da Escola Duque de Caxias é o de poder destacar as ações educativas da equipe de trabalho da instituição de ensino, procurando ampliar o debate sobre competência leitora e escritora dos educandos. O acontecimento bem sucedido foi realizado em 28 de julho de 2017, nos turnos da manhã e da tarde para os estudantes do oitavo e nono anos do

Figura 8 – Adaptação da página da Escola Duque de Caxias no *Facebook*. Fonte: <<https://www.facebook.com/colegiosolimoespvh>>. Acesso em 08/09/2018.



Ensino Fundamental II e parece confirmar os mosaicos dos temas postados. Na consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas memórias, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam e a forma como são lembradas.

Mas qual(is) seria(m) a razão ou as razões que motivam a produção de memórias, de escritas dos ex-alunos da instituição de ensino nas Páginas dos Colégios no *Facebook*? Jelin (2017) chama a atenção para a construção da memória que se dá, sempre, em movimentos dialógicos com os tempos históricos, levando às ressignificações e à incorporação das novas memórias adquiridas em temporali-

dades diversas com representações. Talvez a saudade, ou quem sabe a melancolia, ou até mesmo a solidão, sejam as razões que aproximem os usuários à sua história na escola:

Saudades do Campeonato que ganhamos... Cadê o nosso time? Colegas onde vcs estão? Espero que vocês estejam bem! Para cada um de nós muito sucesso. Chega de lembranças por hoje. Fique com meus dedos repletos de ótimas lembranças! Saudações!!!![...]¹¹

Outros *posts* ligados às confraternizações, os dias de festas, as celebrações na instituição de ensino aparecem também nas redes sociais virtuais. Observa-se na Página do Colégio Carmela Dutra, a comemoração do dia dos estudantes, postada no dia 11/08/2017. Vários depoimentos dos usuários traduziram os momentos de alegria naquela escola. Nesse sentido, os estudos de Otte (1996) mostram que as memórias também são evocadas por meio das lembranças dos dias de festas populares, religiosas, dos rituais escolares, religiosos, familiares, das celebrações e tradições sociais, dos costumes e práticas comuns à época. Assim, tomar os dias de festa é a outra forma de registrar o ordinário por meio do extraordinário como cenas da vida escolar jamais esquecidas.

Lacerda (2003) lembra que mesmo o tempo passando, as festas, as confraternizações, os episódios e os rituais marcam as memórias dos sujeitos. O significado dessas relíquias é inestimável, visto que adornam as ruínas do passado. O *post* do ex-aluno R.N: “Amei estar nesta festa. Parabéns amada escola!” na sua participação no aniversário de 90 anos do colégio e a postagem de M.G. na Página do Colégio Barão de Solimões no *Facebook*: “Muito bom ser atleta campeão” nos Jogos Escolares da Juventude, esboçam a satisfação ao revisitarem os eventos da instituição de ensino.

Se por um lado, observam-se interesses dos usuários em postar memórias nessa rede social virtual, por outro, parece também haver alguns depoimentos que não circulam nestas comunidades, não são

¹¹ Escrita retirada da página do Colégio Estadual Carmela Dutra no *Facebook*. Postada pelo usuário M. M. em 16/10/2012.

ditos ou exibidos; os silêncios também povoam o cenário virtual. Os estudos de Ecléa Bosi (2000) apontam ao que é escrito desse relicário de lembranças está orientado por uma necessidade determinada pelo momento atual e, assim, os supostos lapsos de memória não podem ser considerados apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas podem, nessa perspectiva, constituir partes do próprio texto.

Quem aqui sabe quem foi Carmela Dutra?!!¹²

O que é isso, gente? Isso pode acontecer????¹³

Por que motivo não há respostas ou novos *scraps* para essas perguntas? Qual ou quais os motivos que culminaram na inobservância de outros depoimentos? Lacerda (2003, p.60) sugere que: “As relações entre memória e esquecimento podem ser capturadas sob diferentes nuances, o que implica diferentes possibilidades de análise.” Estas questões me instigam a pensar em lacunas, silêncios, que por um motivo ou outro, também existem no espaço virtual.

Se o silêncio pode ser compreendido como um texto, dependendo de um contexto de interlocução, é possível pensar que também existam reticências, comedimento, nesse suporte virtual, que por um motivo ou outro, também fazem parte dessa rede social virtual.

Considerações finais

Sem a pretensão de se esgotar o debate sobre as postagens escolares nas Páginas no *Facebook* da Escola Duque de Caxias, do Colégio Carmela Dutra e do Barão de Solimões de Porto Velho, este pesquisador pode espiar por uma fresta as Histórias da Educação

¹² Escrita retirada da página do Colégio Estadual Carmela Dutra no *Facebook*. Postada pelo usuário A. P. em 13/06/2013.

¹³ Escrita retirada da página do Colégio Estadual Carmela Dutra no *Facebook*. Postada pela usuária A. B. em 23/10/2012.

rondoniense na *web*, quem sabe, não encontradas em nenhum documento oficial.

Quando o assunto são as imagens, destacam-se os estudos de Chartier (2002), que oferecem subsídios teóricos para ajudar a refletir que as fotografias auxiliam na compreensão da história de fatos. Por não se configurarem em depoimentos ou documentos escritos, ainda assim, permitem revelar aspectos que não foram elucidados nas outras formas de registro, permitindo, nessa acepção, evidenciar o potencial da fotografia como documento de investigação histórica, social e cultural. As imagens ilustrativas dos *posts* nas diferentes Páginas no *Facebook* manifestam-se como elementos singulares para a materialização da memória, propiciando uma autenticidade que as demais fontes historiográficas não conseguiriam; com tal característica, a produção imagética constitui um legado cultural que também permite conhecer as peculiaridades dos grupos retratados e da própria sociedade.

Estas postagens representam valores culturais, simbólicos, o que nos remete às reflexões de Certeau (1982) com os modos de proceder na criatividade cotidiana, apresentando as experiências escolares nas redes sociais como representações de práticas, metodologias e ressignificação histórica.

Mas quem disse que isso é o fim? Se as postagens na rede social do *Facebook* são como ondas espalhadas nos mares virtuais, representando valores culturais, atividades cotidianas, práticas de linguagens e lugares de memórias da escolarização, outras redes sociais da *web* estarão à disposição dos pesquisadores que desejarem investigar, pesquisar as histórias das instituições de ensino para além dos estudos bibliográficos.

* * *

Referências

- AMANTE, Lucia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: Eduepb, 2014. p. 27-46.
- ARRINGTON, M. 85% of college students use Facebook. TechCrunch, 2005. Disponível em: <<http://www.techcrunch.com/2005/09/07/85-of-college-students-use-facebook>>. Acesso em 19 jan. 2019.
- BLOCH, Marc Léopold Benjamin. *Apologia da História*, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2001.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*, lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- BREA, Jose L. *Cultura RAM: mutaciones de la cultura em La era de su Distribución Electronica*. Barcelona: Gedisa, 2007.
- CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs) *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e Educação*. Santa Maria: editora da UFSM, 2013, p. 21-48.
- CANTANHEDE, A. *Achegas para a história de Porto Velho*. Manaus: Artes gráficas da Escola Técnica de Manaus, 1950.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- FACEBOOK (2012). *Statistics of Facebook*. Palo Alto, CA: Facebook. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/content/>> Acesso em 18/01/2019.
- GOMES, Pascoal de Aguiar. *A educação escolar no Território Federal de Guaporé (1943-1956)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- JELIN, Elizabeth. *Historizar las memorias*. Diálogos, conflictos y legitimidades en torno al pasado reciente . La Lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2017.

- LACERDA, Lilian de. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Unesp, 2003.
- LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: ArMed, 1999.
- LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, A. M. *Achegas para História da Educação no estado de Rondônia*. Porto Velho: SEDUC, 1993.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. S. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MCMILLAN, S. J. & MORRISON, M. *Coming of age with the Internet: a qualitative exploration of how the Internet as become an integral part of young people's lives*. *New media Society*, 8, 2008, p.73-95.
- MARTINS, R. Notas sobre autobiografia, narrativas/imagens digitais e artes. MIGNOT, A. C.; MORAES, D. Z.; MARTINS, R.(Orgs.). *Atos de biografar: narrativas digitais, história, literatura e artes*. Curitiba: ED. CRV, 2018.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História* São Paulo: PUC. N. 10, p. 07-28, dez. 1993.
- OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, 1996, v. 4, p. 211-213.
- PINTO, Emanuel Pontes. *Rondônia, Evolução Histórica: criação do Território Federal do Guaporé, fator de integração nacional*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.
- PRADA, Juan M. *Prácticas artísticas e Internet em Lá época de las Redes Sociales*. Madrid: Ediciones Akal, 2012.
- RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando; ESCANDELL MONTIEL, Daniel. *El gabinete de Fausto: teatros de la escritura y la lectura a um lado y otro de la frontera digital*. CSIC: Madrid, 2014.
- SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Com a palavra, as carteiras escolares In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SUZA, Gisele; CASTRO, César August de (Orgs). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escrita e possibilidades*. Vitória, ES: EDUSFES, 2018, p.301-318
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SIMÕES, Robson Fonseca. *Memórias digitais: histórias escolares nas comunidades do Orkut*. Appris: Curitiba, 2018.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias*. Revista Projeto História – Ética e História Oral. Programa de Estudos Pós-graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997, pp. 51-84.

Recebido em 24 de janeiro de 2019.
Aprovado em 24 de abril de 2019.